

O resgate de um escritor maldito

Mario Carelli

À memória do poeta José Geraldo Nogueira Moutinho, que Deus o tenha na sua Santa Paz.

Hoje podemos superar as visões fervorosas ou reticentes dos contemporâneos sobre a obra de Lúcio Cardoso para equacioná-la na vida literária moderna. Uma leitura aprofundada mostra-nos que Lúcio foi um dos temperamentos mais fortes de sua geração e que sua obra-prima *Crônica da casa assassinada* possui uma densidade perturbadora e apaixonante. O criador de atmosferas sombrias desce fundo no substrato de personagens marcantes, arquétipos frementes, e não hesita em projetá-los em situações paroxísticas onde o incesto ladeia o câncer. Mas, para Lúcio, em última análise, o escândalo inaceitável é a mentira que corrói e lacera a Casa dos Meneses.

Como esta edição pretende mostrar, seu romance febril e complexo é marginal em relação às correntes dominantes da literatura brasileira em sua época. Lúcio tinha uma consciência dilacerada e trágica do seu drama existencial de criador. Lembremo-nos das «Confissões de um homem fora do tempo», em que o escritor atormentado se posiciona com violência: «Tenho afirmado que acredito no romance, quero acrescentar que acredito apenas naquele que é feito com sangue, e não com o cérebro unicamente, ou o caderninho de notas, no que foi criado com as vísceras, os ossos, o corpo inteiro, o desespero e a alma doente do seu autor —do que foi feito como se escarra sangue, contra a vontade, e como quem lança à face dos homens uma blasfêmia». Sua finalidade derradeira é desestabilizar seu leitor para que consiga desmascarar a comédia humana.

Dentre os escritores que assinalaram a importância da obra de Lúcio, o autor

regionalista José Lins do Rêgo, aparentemente tão longe das preocupações metafísicas do confrade, captou, a respeito da novela *O Enfeitiçado*, a essência da contribuição cardosiana: grande poeta que é Lúcio Cardoso não tem medo das palavras e se deixa dominar pelo ritmo de uma música que se derrama pelas suas alucinações como o gemer de uma fonte que chora no fundo da terra. E aí que ele nos põe em companhia de seres verdadeiramente arrebatados por uma loucura fria, por uma espécie de demência ambulatória que se movimenta da fúria do desejo carnal à tremenda paz da impotência. [...] A poesia da desagregação nos invade o conhecimento. Ficamos entre o sonho e a vida, arrebatados pela magia de uma prosa que não tem ossatura, e que é só uma carne incendiada de pecado» (*O Jornal*, 3 de janeiro de 1955).

Além dos motivos intrínsecos de qualidade literária, a *Crônica* mereceu figurar na coleção «Arquivos» devido à profusão do material textual conservado. O estudo minucioso e admirável de Júlio Castañon Guimarães mostra o quanto o preconceito sobre o desleixo estilístico de Lúcio Cardoso não é pertinente. Se no estado final do texto, após várias versões e numerosas emendas, subsistem repetições e meandros barrocos na prosa labiríntica da *Crônica*, não se trata de fraqueza do autor. O texto cardosiano não pára de crescer num fluxo verbal encantatório e transbordante, pois sua opção estética é o excesso.

Uma obra múltipla, proliferante, ambígua, suscita abordagens das mais variadas. Assim o professor Alfredo Bosi situa a prosa introspectiva da *Crônica* em sua filiação e contexto ideológico-cultural. Entre 1958 e 1960, o romancista Octávio de Faria, amigo de mais de trinta anos e testemunho privilegiado da trajetória cardosiana, preparou um prefácio para uma edição jamais impressa da *Obra Seleta* para a prestigiosa coleção Aguilar. O ensaio do autor da *Tragédia burguesa* analisa a coerência ontológica interna do conjunto da obra de Lúcio.

A professora Consuelo Albergaria, estudiosa de Cornélio Penna e Guimarães Rosa propõe o mapeamento da «mineiridade» transgredida por Lúcio, enquanto o doutor Guy Besançon faz um diagnóstico psicopatológico das criaturas da *Crônica da casa assassinada*.

A ligação literária de Lúcio com Julien Green, assinalada desde 1934 por Agrippino Grieco por ocasião da publicação de *Maleita*, merecia ser explicitada. Prolongando sua tese de doutorado *Lúcio Cardoso e Julien Green: Transgressão e Culpa*, Teresa de Almeida busca as marcas greenianas transformadas por Lúcio na *Crônica*. O poeta e crítico José Geraldo Nogueira Moutinho enfatiza a solidão do itinerário espiritual heterodoxo de Lúcio.

A professora Sonia Brayner mostra o quanto as indefinições conflitantes de Lúcio geraram um romance cuja própria estrutura narrativa disseminada respeita a coexistência dos opostos. E finalmente, o fluxo da prosa cardosiana, correspondendo a seu desejo de subversão do real, foi objeto de análise de nosso ensaio «A música do sangue».

Com a *Crônica da casa assassinada* a literatura brasileira se enriqueceu de um texto convulsivo e rebelde, marco de uma de suas fronteiras: a busca angustiada do sentido da aventura humana. O resgate definitivo do grande «bruxo» visionário só nos foi possível com a participação valiosa dos colaboradores deste volume.